

Teocomunicação

Revista de Teologia da PUCRS

Programa de Pós-Graduação em Teologia
Escola de Humanidades

Porto Alegre, v. 47, n. 2, p. 125-136, julho-dezembro 2017

 <http://dx.doi.org/10.15448/0103-314X.2017.2.26998>

PLURALISMOS

Eu sou a universal! Anotações introdutórias acerca de um mote midiático

I am a universal! Introductory notes about a media advertising

Marcelo Lopes*

RESUMO

A Rede Record de Televisão – mídia televisiva da Igreja Universal do Reino de Deus – vem propagando amplamente um mote midiático de cunho religioso, qual seja, *Eu sou a Universal*. A veiculação desta mensagem parece ser, a um tempo, proselitista e apologética. No entanto, pensamos haver algo mais que se pode depreender acerca deste mote. Nesse fito, o presente ensaio se ocupa de problematizar questões de fundo que subjazem este mote midiático. A partir de três questionamentos, intentamos contribuir para uma reflexão acerca desse fenômeno, cuja chave hermenêutica situa-se no âmbito do paradigma compreensivo, através das lentes da Ciência da Religião. Nesse sentido, não esposamos um único referencial teórico, mas trabalharemos com autores que já lidaram com essa temática, tais como: Paul Freston, Leonildo Silveira Campos, Ricardo Mariano, Magali do Nascimento Cunha, por exemplo. Ademais, além do mote midiático *Eu sou a Universal*, trabalharemos na análise de representações imagéticas já propagadas que visaram corroborar esse mote.

PALAVRAS-CHAVE: Pentecostalismo. Igreja Universal. Mote midiático.

ABSTRACT

Rede Record TV – television media of the Universal Church of the Kingdom of God – is widely spreading a media theme of a religious nature, namely, *I am the Universal*. The dissemination of this message seems to be, at one time, proselytizing and apologetic. However, we think there is something more that can be seen on this theme. In this aim, this paper deals with discuss substantive issues underlying this media theme. From three questions, we wish contribute to a reflection of the phenomenon whose hermeneutical key lies in the comprehensive paradigm, through the Science of Religion lenses. In this sense, we not handle a single theoretical framework, but will work with authors who have dealt with this theme, such as Paul Freston, Leonildo Silveira Campos, Ricardo Mariano, Magali do Nascimento Cunha, for example. Moreover, beyond the media motto *I am Universal*, will work on the analysis of imagery representations already propagated that aimed to corroborate this motto.

KEYWORDS: Pentecostalism. Universal Church. Motto media.

* Doutor e Mestre em Ciência da Religião pela Universidade Federal de Juiz de Fora, Especialista em Ciências da Religião pela Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro e Bacharel em Teologia pela Faculdade Evangélica de Tecnologia, Ciências e Biotecnologia. Integrante do Grupo de Pesquisa NEPROTES (Núcleo de Estudos em Protestantismo e Teologias – UFJF/CNPq). E-mail: <montanhista-ms@hotmail.com>.



CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O que é a Universal? Ou talvez seja melhor perguntar “quem é a Universal”?

A Universal é a Dona Cleusa, que cumpre diariamente jornada tripla, como mãe, esposa e vendedora de planos de saúde.

E também é o Paulo Victor, advogado tributarista, professor universitário, casado e pai de três filhas.

E ainda a Maria Paula: empresária de sucesso, dona de uma rede de lojas e avó dedicada que sempre reserva um tempo livre para os netos.

Ou o casal de micro agricultores Flávio e Rita que, com trabalho de sol a sol, conseguiu mandar dois filhos para a universidade.

Olhe ao seu redor. Esta é a Universal. Milhões de pessoas no Brasil e em mais de 100 países, como você, seus vizinhos e colegas de trabalho. Gente que luta, que constrói o próprio destino com alegria, trabalho e fé.

São as vidas de homens e mulheres que batem no peito e dizem, com orgulho:

– Eu sou a Universal!¹

A epígrafe supracitada refere-se ao mote midiático-identitário que hodiernamente vem sendo propagado pela Igreja Universal do Reino de Deus (IURD). Ora, não parece ser novidade alguma afirmar que a IURD sempre valorizou e utiliza de modo amplo a propaganda midiática. Entrementes, ultimamente vem propagando um mote religioso identitário através da Rede Record de Televisão, qual seja, *Eu sou a Universal*. Pensamos que a propagação desse mote tem valor heurístico e, portanto, merece ser investigada pela academia. Destarte, o objeto deste ensaio, que perfaz um novo formato de propaganda institucional, parece guardar relação com uma mudança qualitativa na propaganda da IURD. Assim, nosso fito aqui é o de problematizar o fenômeno iluminando-o e levantando algumas questões que julgamos relevantes.

Como ponto de partida, podemos considerar já amplamente conhecido que a IURD é a primeira denominação e o grande ícone da terceira onda pentecostal (FREESTON, 1993, 1994), também conhecida como neopentecostalismo (MARIANO, 1999), pós-pentecostalismo (SIEPIERSKI, 1997) ou ainda transpentecostalismo (MORAES, 2010). Não aprofundaremos aqui a questão epistemológica das diversas tipologias, pois pensamos que todas elas possuem seus méritos e deméritos, isto é, contribuíram de algum modo para alargar a compreensão do subcampo religioso (BOURDIEU, 2007) pentecostal, mas também possuem suas limitações e são necessariamente reducionistas. Portanto, utilizaremos aqui o termo neopentecostalismo para classificar a IURD sem, contudo, ignorar suas limitações.

Também nos parece ser de domínio público que foi nesse gradiente que crassou a assim chamada Teologia da Prosperidade (TP). A TP tem sua origem nos Estados Unidos e seu cerne é justamente a mentalidade de conquista de bens materiais e progresso financeiro como sinal da bênção de Deus. Há ampla literatura nacional dissertando sobre o tema, autores como Paul Freston (1994), Oneide Bobsin (1995), Leonildo Silveira Campos (1997), Ricardo Mariano (1999, 2003), Antonio Gouvêa Mendonça (2008), por exemplo, desde longa data já pesquisaram a TP, conforme listado, ao final, na bibliografia deste ensaio. Portanto, não vamos aprofundar aqui sobre a TP. Somente

¹ Mote midiático da IURD. Disponível em: <<http://www.eusouauniversal.com/a-universal/>>. Acesso em: 28 jul. 2015.

para situar o leitor leigo no assunto, pontuamos que também a teologia não escapa à dialética com a cultura na qual está inserida. Por esse motivo,

toda teologia tem a cara de seu tempo – mesmo que teólogos se digam inspirados (apenas) por Deus. O teólogo é um leitor de seu tempo. Alguns são bons leitores, outros péssimos. Então, teologia da prosperidade e neoliberalismo é [sic!], como diz o provérbio popular, a casa e o botão. São irmãos siameses. Um não existiria sem o outro.²

Pois bem, isto posto, interessa-nos aqui problematizar, a partir de três questionamentos, esse mote identitário que vem sendo sistematicamente propagado, sobretudo, na Rede Record de Televisão³ através dos testemunhos de seus fiéis mais bem sucedidos na vida; financeiramente, sobretudo, e em todas as áreas da vida de um modo geral.

1 UMA TENTATIVA DE DESVENCILHAMENTO DE UM ESTEREÓTIPO DO PASSADO?

Antes de tudo, é por dever de justiça que se deve pontuar que o pentecostalismo padeceu com certa “má vontade heurística” no Brasil desde que os estudiosos dos fenômenos religiosos ocuparam-se de colocá-lo sob escrutínio científico, o que ocorreu a partir de 1960, especialmente. Isso ocorreu, em parte, porque muitos dos estudiosos que se dedicaram a pesquisar o pentecostalismo eram nativos do catolicismo ou do protestantismo histórico; ou então positivistas.

Essa *certa má vontade* por parte dos pesquisadores nativos de outras vertentes cristãs não foi desinteressada. Para compreender a motivação dessa postura, é preciso lembrar que, em relação ao pentecostalismo, “é o seu caráter de ruptura com as tradições religiosas brasileiras que logo marcou sua visibilidade”⁴. Se pelo lado desses pesquisadores o pentecostalismo era tachado de religião mágica e dotado de uma teologia insipiente; por outro lado, o dos positivistas, era enxergado apenas como o resultado da anomia social, bem como fonte de alienação, de um modo geral. De todos os lados, portanto, sofreu, digamos, um *bullying* epistemológico.

Há um número bastante significativo de textos acadêmicos que poderiam (e até deveriam) ser enquadrados neste quesito. Contudo, nosso intuito aqui não é de denúncia para um julgamento, e, para não parecer que estamos apenas conjecturando acerca dessa má vontade heurística para com o pentecostalismo, daremos um exemplo de reconhecimento dessa má vontade, tendo em vista que tal crítica foi, inclusive, foi publicada. Trata-se da crítica feita pelo Prof. Dr. Lísias Nogueira Negrão ao texto-comentário do também Prof. Dr. Rubem Azevedo Alves, acerca do pentecostalismo de segunda onda, deuteropentecostalismo ou ainda pentecostalismo de cura divina. Assim assevera Negrão:

Não se trata de características específicas e distintas da religião do povo, mas da negação dos pré-julgamentos preconceituosos e pejorativos das concepções elitistas e oficiais. *Exemplo dessa atitude*: os comentários do *teólogo e filósofo Rubem Alves* ao Comunicado do *sociólogo Douglas Teixeira Monteiro*: “Igrejas, seitas e agências: aspectos do povo”. Enquanto o sociólogo em seu texto: “Igrejas, Seitas e Agências: Aspectos de um Ecumenismo Popular”, analisava

² WOLFART, Graziela. Entrevista com Gedeon Freire de Alencar. “A teologia da prosperidade e o neoliberalismo são irmãos siameses”. *IHU On line*, Revista do Instituto Humanitas Unisinos, São Leopoldo, Ed. 329, ano X, p. 5-7, mai. 2010.

³ Mas não só, pois a divulgação pela internet, panfletos e até mesmo pelo rádio também fazer parte de tal campanha de divulgação.

⁴ SANCHIS, Pierre. Pentecostalismo e cultura brasileira. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, n. 18, v. 2, 1997, p. 123.

essas manifestações populares de culto, partindo do *Pressuposto* de seu caráter religioso, o teólogo, em seu texto comentário (brilhante, diga-se de passagem) inquiria: “A empresa da cura divina: um fenômeno religioso?” Essa dúvida do autor – que no corpo do texto transforma-se em certeza quanto à sua resposta negativa – baseava-se na constatação da hipertrofia dos aspectos econômicos das formas mais recentes do pentecostalismo – os surtos de cura divina⁵.

Cumpramos registrar que aqui não desejamos fazer qualquer tipo de justificação com autores que porventura tiveram essas visões do movimento pentecostal. Até mesmo porque as condições sócio-culturais da época talvez ensejassem tal abordagem, e, evidentemente, tais trabalhos foram precursores no estudo do pentecostalismo e ainda possuem seu relativo valor heurístico. Assim, trata-se de pontuar que é preciso, no entanto, observar o que de propriamente religioso pode-se pesquisar no pentecostalismo, de maneira que o fenômeno religioso seja o objeto e não somente fatores circunvizinhos. Nossa concepção, destarte, alinha-se com a posição de Negrão, pois pensamos que “o que legitima a religião é a própria crença. A acentuação dos seus componentes econômicos não a reduz ao mercantil, assim como a acentuação de seus aspectos políticos não a reduz à condição de ideologia”⁶.

Por outro lado, há que se reconhecer também, não foi sem razão que algumas críticas foram bastante severas, porém deveras pertinentes. Ora, o pentecostalismo com toda sua força dinamogênica, por exemplo, muito pouco ou praticamente nada fez para mudar a situação dos pobres no Brasil⁷. Ademais, historicamente, segundo Zwínglio Dias,

no Brasil o movimento pentecostal, nos seus inícios, tanto na região Norte como no Sudeste, aparentemente permaneceu isolado e silencioso, sendo ignorado como religião de pobres “primitivos e ignorantes”, tanto pela Igreja Católica como pelas igrejas do Protestantismo “histórico”, até à década de trinta. Nesse período, no entanto, ele foi-se expandindo, tanto pela região Nordeste como pelas periferias de S. Paulo e Rio de Janeiro, ao mesmo tempo em que consolidava sua estrutura organizacional e construía seu peculiar ethos religioso em total empatia com as demandas populares⁸.

Com efeito,

na medida em que se constituiu como uma manifestação religiosa dos pobres, e a partir de sua situação de pobreza, o movimento pentecostal se inseriu plenamente no contexto sociocultural brasileiro e aqui se desenvolveu como uma prática religiosa que exprimia os sofrimentos, as angústias e as esperanças dos setores populares⁹.

Assim, não foi sem motivo que

as camadas sociais mais densamente atingidas foram desde o início as camadas populares. Hoje ainda, apesar da nítida presença em outras camadas e da ascensão social dos grupos pentecostais primitivos, o espectro pentecostal, se recobre o perfil geral brasileiro quanto à população de renda média (entre 2 e 5 salários mínimos), inverte a pirâmide nesta relação quando se trata dos dois

⁵ NEGRÃO, Lísias Nogueira. A religiosidade do povo – visão complexiva do problema. In: QUEIROZ, José J. (Org.). *A religiosidade do povo*. São Paulo: Edições Paulinas, 1984. p. 9, grifos do autor.

⁶ Cf. Id., p. 10.

⁷ Cf., LOPES, Marcelo. Bem aventurados os “pobres”; porque eles reinam (ao menos) no pentecostalismo: um ensaio de sua retroalimentação socioeconômica. *Revista Acta Scientiarum*, Maringá, v. 34, n. 2, p. 141-145, jul.-dez. 2012.

⁸ DIAS, Zwínglio Mota. Um século de religiosidade Pentecostal: algumas notas sobre a irrupção, problemas e desafios do fenômeno pentecostal. *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 9, n. 22, p. 377-382, jul./set. 2011, p. 378.

⁹ Cf. Id., p. 378.

extremos: renda baixa e renda alta. Os resultados seriam paralelos quanto à escolaridade e quanto à cor. Uma religião de pobres¹⁰.

Talvez aqui resida um dos fatores que pode nos ajudar a compreender porquê

depois de um século de presença no país, o pentecostalismo prossegue crescendo majoritariamente na base da pirâmide social, isto é, na pobreza. Embora contenha um contingente de classe média, recruta a maioria de seus adeptos entre os pobres das periferias urbanas. Um de seus desafios, portanto, consiste em tornar-se atraente para as classes médias e mais escolarizadas¹¹.

Olhando por esse prisma histórico-sociológico, é compreensível que, atualmente, o neopentecostalismo queira distanciar-se do estereótipo de religião de pobres. É justamente nesse sentido que queremos problematizar o mote midiático identitário da IURD. Que significa afirmar: Eu sou a Universal? Qual é o perfil almejado desses novos iurdianos?

Começemos com o perfil. É notório que o perfil dos novos iurdianos que se quer passar, é de pessoas de sucesso. O apelo midiático é feito de forma que variadas pessoas, de variadas origens e profissões asseverem seu progresso, sua prosperidade, sempre, é claro, necessariamente atrelada à pertença à Universal. Assim, a mensagem *Eu sou a Universal* está intimamente ligada ao antes e o depois, mormente numa ascendente social, na qual a pobreza, obviamente, não faz nenhum sentido para os universais. Vejamos os três exemplos a seguir:

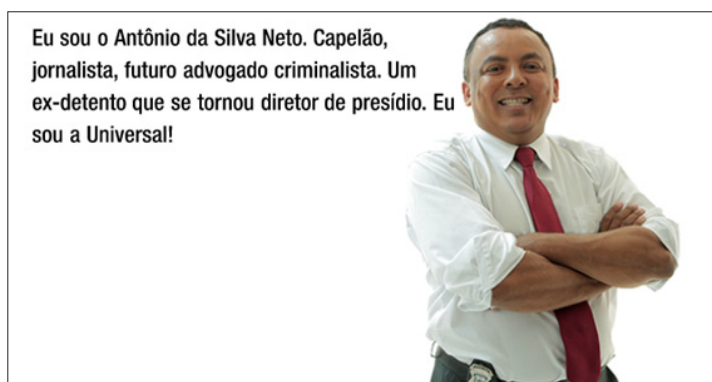


Figura 1. Disponível em: <<http://2.bp.blogspot.com/-2beMDtk1q1g/Uj9PcBhkcoI/AAAAAAAAADB4/lkhecbKot0Ak/s1600/eusou.jpg>>. Acesso em: 27 jul. 2015.



Figura 2. Disponível em: <<http://iurdsapepb.blogspot.com.br/2013/05/forca-jovem-sape-pb-mes-de-abril.html>>. Acesso em: 27 jul. 2015.



Figura 3. Disponível em: <<https://vozesmormons.files.wordpress.com/2013/06/universal.jpg>>. Acesso em: 27 jul. 2015.

¹⁰ SANCHIS, 1997, p.123-124.

¹¹ WOLFART, Graziela. Entrevista com Ricardo Mariano. Pentecostalismo no Brasil. Cem anos. *Revista do Instituto Humanitas Unisinos – IHU On line*, São Leopoldo: UNISINOS, Ed. 329, ano X, p. 5-7, maio 2010. p. 1.

É manifesto que os exemplos acima expostos apontam para algo que todos possuem em comum, qual seja, o sucesso, a realização atrelada à pertença à IURD. Mas de modo algum está explícita uma promessa de que o novo iurdiano ficará rico. Não, essa proposta de ser a Universal não passa, necessariamente, por esse âmbito. Infere-se, portanto, que a prosperidade distancia-se, em certo sentido, daquela antiga vertente mais materialista de sentido apenas financeiro. Desse modo, percebe-se uma significativa *evolução*, ao menos na propaganda, da Teologia da Prosperidade da IURD, quiçá ocorra hodiernamente a sua releitura ou reinterpretção. Porém, reconhecemos que o galgar o sucesso em variadas áreas da vida é explicitado com uma clareza refulgente.

É preciso destacar ainda que, segundo este mote midiático, o ser a Universal é o *divisor de águas* que marca o antes e o depois na vida do novo iurdiano. Isso fica patente pelo uso, sobretudo, do prefixo *ex*. Os exemplos de Antonio da Silva Neto e Giovanni denotam precisamente o que queremos dizer aqui. O *ex-detento* e o *ex-vítima de bullying* deixaram para trás um passado de sofrimento ao tornarem-se *Universais* e, como novos iurdianos, galgaram o sucesso. O mesmo ocorre com Ana Paula. Conquanto em seu apelo não apareça o prefixo *ex*, está subjacente na frase: *o retrato da mulher moderna*, isto é, em oposição ao arcaico, antigo, caduco, e, por isso mesmo, ultrapassado. Bela, jovem e bem sucedida profissionalmente, Ana Paula expressa, presume-se, o anseio de praticamente todas as mulheres no tempo presente, isto é, o sucesso na vida e a felicidade.

Mas há que se admitir que este anseio é, de fato, aproveitando o trocadilho, universal. Ora, qual ser humano não aspira à felicidade, realizações, enfim, o sucesso? Afinal de contas, vivemos numa época marcada pelo hedonismo. Sim, o hedonismo “é percebido como algo natural e inquestionável que o ser humano deseje eliminar a dor, o incômodo e o desconforto, não permitindo haver nenhuma forma de manifestação que venha quebrar tal sensação de satisfação e prazer”¹². Nesse sentido, parece-nos pertinente questionar se não está aqui embutido também aquele velho maniqueísmo felicidade/sofrimento.

Em todo caso, não nos propomos a questionar a legitimidade das aspirações *Universais*. Ao contrário, reconhecemos algo de profundamente humano nelas, embora reconheçamos também estarem intrinsecamente permeadas pela Teologia da Prosperidade. Aliás, porque não poderiam ser interpretadas como uma manifestação de resquícios, vestígios de uma noção protestante, mormente da prosperidade como alguns dos sinais visíveis da eleição? Eleição entendida aqui no sentido weberiano de que os protestantes deveriam externar os sinais da eleição. Sinais esses que pressupunham a prosperidade financeira, inclusive.

Fazemos, todavia, uma ressalva teológica que julgamos importante, pois não se pode ignorar a matriz arminiana do pentecostalismo, exceção feita à Igreja Evangélica Congregação Cristã no Brasil e a Igreja Cristã de Nova Vida, de matriz calvinista¹³. Levantamos essa hipótese sem qualquer leviandade. Aqui, levamos em consideração a leitura feita por Antonio Gouvêa Mendonça e Prócoro Velasques Filho quando analisaram a religiosidade norte-americana no processo civilizatório estadunidense. Vale relembrar que o pentecostalismo é fruto desse processo. Segundo esses autores,

a essa altura, o protestantismo deste lado do Atlântico já é muito diferente de seu ancestral europeu. Mas o problema não termina aí. Quando esse protestantismo chegou nos Estados Unidos, muitas das disputas entre puritanos, arminianos, pietistas, unitarianos, proponentes dos evangelho social, fundamentalistas e

¹²DELAGE, Paulo Audebert. *O Cristão e os desafios da pós-modernidade*. São Paulo: Longarina, 2014. p. 70.

¹³Para que o leitor leigo possa aclarar um pouco essa questão dos sinais da eleição entre os puritanos calvinistas, remetemos à leitura da obra de Max Weber: *A ética protestante e o espírito do capitalismo*.

avivalistas já estavam superadas. Cada grupo havia absorvido um pouco do outro, tornando o protestantismo norte-americano uma complexidade capaz de confundir historiadores, teólogos e sociólogos¹⁴.

Ademais, cumpre sublinhar que o Bispo Edir Macedo, fundador e líder supremo da IURD, já pertenceu à Igreja Cristã de Nova Vida que, apesar de pentecostal, aderiu à teologia reformada da eleição, ou seja, é soteriologicamente calvinista. Portanto, não se constitui nenhum absurdo falar de resquícios ou vestígios protestantes no pentecostalismo brasileiro como um todo, e, nesse caso específico, da prosperidade na IURD. O fato é que, com essa problematização, nosso intuito foi o de proporcionar uma leitura alternativa, mais compreensiva do fenômeno ora posto em tela.

2 MOTE NOVO, MENSAGEM ANTIGA?

Nosso suposto aqui é o de que o ser a Universal trata-se, na verdade, de uma releitura ou reinterpretação do que acabamos de analisar no tópico logo acima, ou seja, de se obter o sucesso na vida, de fazer cessar o sofrimento. Vejamos as representações imagéticas abaixo.



Figura 4. Logomarca da IURD. Disponível em: <<http://2.bp.blogspot.com/-luN-FpX5Y7E/UWrkCtibdol/AAAAAAAAAsc/OiImBPiEA1c/s1600/Eu+sou+a+Universal.jpg>>. Acesso em: 31 jul. 2015.

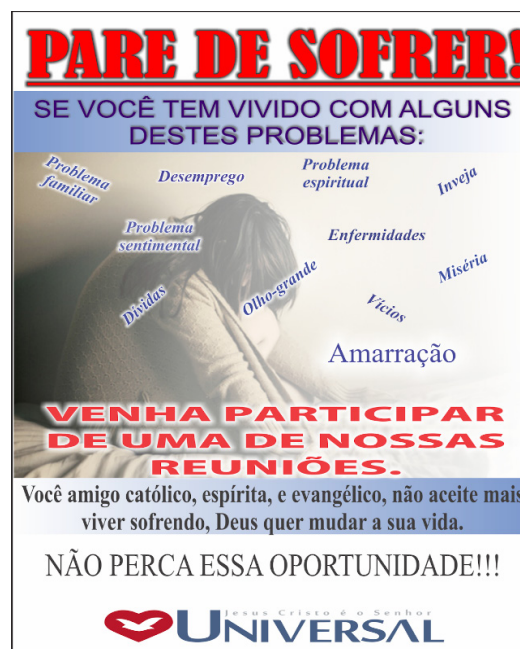


Figura 5. Logomarca da IURD. Disponível em: <<http://4.bp.blogspot.com/-UZoskKzQbZc/U4esiID9sxI/AAAAAAAAABSk/1s67WTt-dec/s1600/CONVITE+PARE+DE+SOFRERR.png>>. Acesso em: 31 jul. 2015.

Analisando as ilustrações acima expostas, é possível, de pronto, inferir que há um projeto explícito de propagar, com uma nova roupagem, uma mensagem antiga, qual seja, *Pare de sofrer!* Conforme já analisamos no tópico anterior há uma ênfase na passagem do antes para o depois de tornar-se Universal. Assim, pode-se afirmar que há, para dizer o mínimo, uma coincidência na mensagem que se quer passar.

¹⁴MENDONÇA, Antonio Gouvêa VELASQUES FILHO, Prócoro. *Introdução ao Protestantismo no Brasil*. São Paulo: Loyola. 1990. p. 108.

Ora, a ascese, definitivamente, nunca foi uma das características do neopentecostalismo. Ao contrário, enquanto as Igrejas da primeira onda pentecostal como a Assembleia de Deus e a Congregação Cristã no Brasil condenavam o *mundo*, e as da segunda onda embora já se utilizando da televisão e do rádio, condenados nas da primeira onda, mantiveram um rigorismo maior na questão dos usos e costumes e na moralidade; o neopentecostalismo aculturou-se plenamente em terras tupiniquins. Talvez tenha sido por esse motivo também que a Teologia da Prosperidade tenha logrado bastante êxito nessa vertente do pentecostalismo brasileiro.

Além disso, percebe-se que esta proposta está evidente na figura cinco *Deus quer mudar a sua vida*. Nota-se que a tônica do argumento da propaganda recai sobre uma pretensa virada na vida do fiel, após tornar-se Universal. Portanto, o ser Universal está intrinsecamente ligado à mudança no sentido de uma conquista profissional, sentimental ou de cura física, em suma, ao parar de sofrer o novo iurdiano percebe-se como um abençoado por Deus.



Figura 6. Logomarca da IURD. Disponível em: <<http://i.ytimg.com/vi/NmkbNCLjJwg/hqdefault.jpg>>. Acesso em: 04 ago. 2015.

É fato também, que há uma sensível evolução da mensagem iurdiana nesses motes. O mote *Pare de sofrer* indica a proposta de uma situação específica: a de fazer cessar as agruras da vida, inclusive, conforme explicitado na figura cinco, tal proposta estaria aberta a não iurdianos. Mas não há uma promessa explícita de sucesso. Já o mote *Eu sou a Universal* quer mostrar o sucesso ou prosperidade sob um novo enfoque que vai muito além daquele meramente financeiro.

Desse modo, nos parece que o mote *Eu sou a Universal* fagocita o *Pare de sofrer*, mas avança no sentido de evidenciar que os novos iurdianos, conforme explicita a figura seis, não nasceram para sofrer, mas nasceram para ser *Universais*, quer dizer, não somente parar de sofrer, mas obter o sucesso ou prosperidade no tempo presente em quaisquer áreas da vida em que haja necessidade. Distancia-se, assim, do economicismo estrito característico do início da propagação da Teologia da Prosperidade na IURD.

Portanto, percebe-se embutida nesse mote novo uma mensagem antiga, porém relida, reinterpretada e que, em certo sentido, avançou na ampliação de seus horizontes.

Seria possível então afirmar que a IURD estaria se afastando daquelas características neopentecostais que a distinguiram como tal? Pensamos que não, mas é preciso observar que essas mudanças podem ser sintomas de algo mais profundo que ocorre hodiernamente na IURD, e essa perspectiva nos parece assaz fecunda em termos heurísticos, sobretudo para aqueles pesquisadores que se ocupam de investigar o subcampo religioso pentecostal.

3 PROPAGANDA, A ALMA DO NEGÓCIO?

Primeiramente é preciso pontuar que, especificamente neste tópico, caminhamos sobre *o fio da navalha*. Afirmamos isto, pois pensamos que se trata de dois lados de uma mesma moeda. Referimo-nos à questão pressuposta na pergunta que anima esta seção. Isto é: podemos reduzir o *ser Universal* a um mero negócio? Será que em essa redução dá conta de analisar o que de propriamente religioso há nesse fenômeno que temos problematizado? Caso aceitemos (acriticamente) essa redução, estaremos tratando de algo absolutamente secundário à religião, embora pertinente.

Por um lado, devemos admitir que religião seja bem mais que *marketing* apenas. Trate-se de sonhos, não no sentido psicanalítico, mas no sentido ontológico mesmo. Relaciona-se ao conceito de preocupação suprema (*ultimate concern*) que Paul Tillich cunhou. Para Tillich, “fé é estar possuído por aquilo que nos toca incondicionalmente”¹⁵. Em suma: “fé é preocupação última ou suprema”¹⁶.

Conforme já colocamos anteriormente, a busca de sentido e felicidade na vida é constitutiva, é ontológico do *homo religiosus*. E é justamente nesse sentido que Rubem Alves afirmou, poeticamente, que a religião germina:

símbolos assemelham-se a horizontes. Horizontes: onde se encontram eles? Quanto mais deles nos aproximamos, mais fogem de nós. E, no entanto, cercam-nos atrás, pelos lados, à frente. São o referencial de nosso caminhar. Há sempre os horizontes da noite e os da madrugada... As esperanças do ato pelo qual os homens criaram a cultura, presentes em seu próprio fracasso, são horizontes que nos indicam direções. Essa é a razão por que não podemos entender uma cultura quando nos detemos na contemplação de seus triunfos técnicos/práticos. Porque é justamente no ponto no qual ela fracassou que brota o símbolo, testemunha das coisas ainda ausentes, saudade de coisas que não nasceram...

Aqui surge a religião, teia de símbolos, rede de desejos, confissão de espera, horizonte dos horizontes, a mais fantástica e pretensiosa tentativa de transubstanciar a natureza¹⁷.

Por outro lado, há que se admitir que, no jogo do campo religioso, existe uma competição entre os especialistas do sagrado pela oferta de bens simbólicos de religião¹⁸. Aqui também se insere o *ser Universal*, sem que, contudo, seja reduzido ao mercado ou ao *marketing* somente.

Por exemplo: para Magali do Nascimento Cunha, em certo sentido, a

religião midiática é mercado cultural, é religião de mercado. A fé, nesse caso, é uma produção ao redor da qual circulam produtos, bens e serviços, oferecidos para financiar a presença dos grupos que têm poder financeiro nas

¹⁵TILLICH, Paul. *Dinâmica da fé*. 5. ed. São Leopoldo: Editora Sinodal, 1996. p.5.

¹⁶GROSS, Eduardo. O conceito de Fé em Paul Tillich. *Correlatio*, São Bernardo do Campo, v. 12, n. 23, p. 7-26, jun. 2013. p. 8.

¹⁷ALVES, Ruben. *O que é religião?* São Paulo, Loyola, 2002. p. 25.

¹⁸BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2007.

mídias, e as consequentes ampliação de visibilidade e busca de hegemonia no cenário religioso. No sentido estabelecido pela sociedade do espetáculo em que, para ser visto, conhecido e acreditado, é preciso estar nas mídias, grupos religiosos já são formados com esta compreensão e com este projeto pastoral de visibilidade social e ocupação de espaços, tendo seus públicos-alvo previamente determinados. (...) Na lógica do mercado cultural cabe a concorrência, o uso do espaço para minar concorrentes e ganhar apoio público (audiência)¹⁹.

Ora, de fato, para os muitos especialistas do sagrado a propaganda é a alma do negócio, embora pensemos que também aqui haja horizontes de sentido, de esperança. Ou esses especialistas também não consomem seus próprios bens de religião? Não são também religiosos? Mas é propriamente no horizonte do *homo religiosus*, isto é, dos *Universais* ou novos iurdianos, que pensamos residir *a alma do negócio*. É aquilo que os anima, aquilo que os toca incondicionalmente, no dizer de Tillich, que proporciona horizontes de sentido e que, de fato, os fazem afirmar *Eu sou a Universal!*

Por fim, cabe uma ressalva, andar sobre *o fio da navalha* não é algo fácil. Mas é preciso ter a coragem e a honestidade intelectual de fazê-lo. Se por um lado não podemos admitir que o fenômeno religioso seja reduzido ao fator econômico ou ao *marketing* apenas; por outro lado não se pode ter a ingenuidade epistemológica de achar que não existem interesses totalmente alheios àquilo que de propriamente sagrado há na religião. Desse modo, pensamos que o mote *Eu sou a Universal* pode não ser a alma do negócio, mas certamente aponta para algo profundamente religioso. Aqui encerramos com a assertiva de Aldo Natale Terrin, pois parece resumir precisamente os anseios *Universais*:

É bem sabido que se o homem não precisasse de “salvação” as religiões seriam inúteis, mas elas têm igualmente se tornado bastante supérfluas em um outro caso: quando não são mais capazes de sanar as doenças e os incômodos físicos e psicológicos cotidianos do homem. É essa segunda questão que hoje mostra-se mais flagrante e de algum modo põe em dificuldade as religiões e especialmente a religião cristã. Contudo, a incapacidade ou a declarada incompetência do cristianismo em “sanar” os males e as doenças dos homens de hoje não pode ser considerado um fato expiado. Trata-se de uma omissão bastante grave, porque o homem contemporâneo é, antes de tudo, um ser doente de corpo e espírito, um paciente e um sofredor que sabe que está doente e que pede, com absoluta prioridade, para ser “curado”²⁰ (TERRIN, 1998, p. 149).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após termos analisado o mote *Eu sou a Universal* e as representações imagéticas que são propagadas procurando corroborar esse mote, foi perceptível que a Teologia da Prosperidade ainda permeia a propaganda institucional e, quiçá, o imaginário coletivo dos fieis. Contudo, foi perceptível também que esse modelo de Teologia está sendo, de certa forma, relido, reinterpretado ao menos em suas ênfases.

Nesse sentido, aquela ênfase economicista de uma hipertrofia da prosperidade financeira, vem sendo esmaecida e o tom de uma prosperidade mais holística, por assim dizer, vem sendo acentuado. O mote *Eu sou a Universal*, portanto, talvez seja um ponto de inflexão na hermenêutica iurdiana quanto à prosperidade, na propaganda, ao menos. Obviamente este texto é um ensaio provocativo e que visou lançar luz sobre a

¹⁹CUNHA, Magali do Nascimento. “Casos de família”: um olhar sobre o contexto da disputa “Igreja Universal do Reino de Deus X Igreja Mundial do Poder de Deus” nas mídias. *REVER*, São Paulo, ano 12, nº 02, jul./dez. 2012, p. 106.

²⁰TERRIN, Aldo Natale. *O Sagrado Off Limits: a experiência religiosa e suas expressões*. São Paulo, Loyola, 1998. p. 149.

temática, problematizando-a sem ter, no entanto, que emitir necessariamente respostas exaustivas. Ao contrário, o texto quer abrir caminho para novas abordagens e novos enfoques, de modo que o objeto seja contemplado em suas variadas facetas.

Por fim, ratificamos que este ensaio não se pretende peremptório ou elucidativo naquilo que trouxe à lume. Ao contrário, nosso fito foi o problematizar o mote midiático identitário *Eu sou a Universal*, de modo a contribuir para alargar a compreensão desse fenômeno neopentecostal na IURD.

Ademais, o neopentecostalismo pode ser considerado ainda hoje *mutatis mutandis*, no seu sentido mais lato e pragmático. Porém, com isso queremos indicar que a adaptabilidade nem sempre quer dizer perda de identidade num sentido negativo, mas pode apontar para dialéticas com a cultura na qual é partícipe. Além disso, vale ressaltar que o tecido religioso é sempre poroso às interações culturais, e, por isso mesmo, sujeito ao devir histórico e social, numa influência mútua com a cultura.

Last but not least, fica aqui também o registro de que este autor *não é Universal*, no sentido de pertença denominacional. Talvez seja preciso fazer esta ressalva, pois nosso intuito foi o de proporcionar uma abordagem mais compreensiva do fenômeno ora em tela e, neste fito, pode ter transparecido, em algumas partes do texto, um tom bastante empático, quase apologético. Só que não! O que nos interessa, de fato, é problematizar a religião naquilo que há de realmente religioso. Portanto, se pudemos proporcionar ao leitor uma perspectiva mais compreensiva e, quiçá, desfazermos uma antipatia preconcebida do objeto, ótimo! Já nos damos por satisfeitos. Mas também pensamos que outras abordagens nessa linha mais compreensiva sejam desejáveis, senão prementes no campo de estudos do pentecostalismo.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Ruben. *O que é religião?* São Paulo: Loyola, 2002.
- BOBSIN, Oneide. Teologia da Prosperidade ou estratégia de sobrevivência: estudo exploratório. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 35, n. 1, p. 21-38, 1995. Disponível em: <http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/view/839/768>. Acesso em: 15 jan. 2015.
- BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- CAMPOS, Leonildo Silveira. *Teatro, templo e mercado: organização e marketing de um empreendimento neopentecostal*. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Simpósio; São Bernardo do Campo: UMESP, 1997.
- CUNHA, Magali do Nascimento. “Casos de família”: um olhar sobre o contexto da disputa “Igreja Universal do Reino de Deus X Igreja Mundial do Poder de Deus” nas mídias. *REVER*, São Paulo, ano 12, n. 02, jul./dez. 2012, p. 101-110. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/rever/article/view/14567>>. Acesso em: 15 ago. 2015.
- DELAGE, Paulo Audebert. *O Cristão e os desafios da pós-modernidade*. São Paulo: Longarina, 2014.
- DIAS, Zwinglio Mota. Um século de religiosidade Pentecostal: algumas notas sobre a irrupção, problemas e desafios do fenômeno pentecostal. *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 9, n. 22, p. 377-382, jul./set. 2011. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/P.2175-5841.2011v9n22p377>>. Acesso em: 18 jul. 2015.
- FRESTON, Paul. Breve história do pentecostalismo brasileiro. In: Alberto ANTONIAZZI, et al. *Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do Pentecostalismo*. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 72-159.
- _____. *Protestantes e política no Brasil: da constituinte ao impeachment*. 1993. 304 p. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – IFCH, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1993.
- GROSS, Eduardo. O conceito de Fé em Paul Tillich. *Correlatio*, São Bernardo do Campo, v. 12, n. 23, p. 7-26, jun. 2013. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/COR/article/view/4196/3672>>. Acesso em: 10 jul. 2015.

LOPES, Marcelo. Bem aventurados os “pobres”; porque eles reinam (ao menos) no pentecostalismo: um ensaio de sua retroalimentação socioeconômica. *Revista Acta Scientiarum*, Maringá, v. 34, n. 2, p. 141-145, jul.-dez. 2012. Disponível em: <[dx.doi.org/10.4025/actascihumansoc.v34i2.18637](https://doi.org/10.4025/actascihumansoc.v34i2.18637)>. Acesso em: 16 jul. 2015.

MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 1999.

_____. O reino de prosperidade da Igreja Universal. In: ORO, Ari Pedro; CORTEN, André; Dozon, Jean-Pierre (Org.). *Igreja Universal do Reino de Deus: Os novos conquistadores da fé*. São Paulo: Paulinas, 2003, p. 237-258.

MENDONÇA, Antonio Gouvêa VELASQUES FILHO, Prócoro. *Introdução ao Protestantismo no Brasil*. São Paulo: Loyola. 1990.

_____. *Protestantes, pentecostais & ecumênicos: o campo religioso e seus personagens*. São Bernardo do Campo: UMEESP, 2008.

MORAES, Gerson Leite de. Neopentecostalismo – um conceito obstáculo na compreensão do subcampo religioso pentecostal brasileiro. *REVER – Revista de Estudos de Religião*, São Paulo, ano 10, n. 2, p. 1-19, jun. 2010. Disponível em: <www.pusp.br/rever/rv2_2010/t_moraes.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2015.

NEGRÃO, Lísias Nogueira. A religiosidade do povo – visão complexiva do problema. In: QUEIROZ, José J. (Org.). *A religiosidade do povo*. São Paulo: Edições Paulinas, 1984. p. 7-41.

RODRIGUES, Elisa. A dimensão comunicativa e a performatividade nos cultos da Igreja Mundial do Poder de Deus. *Estudos Sociológicos*, Araraquara, v. 18, n. 34, jan.-jun. 2013. p. 209-226. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/estudos/article/view/5190>>. Acesso em: 07 ago. 2015.

SANCHIS, Pierre. Pentecostalismo e cultura brasileira. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, n. 18, v. 2, 1997, p. 123-126.

SIEPIERSKI, Paulo Donizéti. Pós-pentecostalismo e política no Brasil. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 37, n. 1, p. 47-61, 1997. Disponível em: <periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/view/776/711>. Acesso em: 15 jun. 2015.

TERRIN, Aldo Natale. *O Sagrado Off Limits: a experiência religiosa e suas expressões*. São Paulo: Loyola, 1998.

TILLICH, Paul. *Dinâmica da fé*. São Leopoldo: Editora Sinodal, 1996.

WOLFART, Graziela. Entrevista com Gedeon Freire de Alencar. “A teologia da prosperidade e o neoliberalismo são irmãos siameses”. *IHU On line*, Revista do Instituto Humanitas Unisinos, São Leopoldo, ano X, n. 329, p. 15-17, maio 2010. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/32457-a-teologia-da-prosperidade-e-o-neoliberalismo-sao-irmaos-siameses-entrevista-especial-com-gedeon-freire-de-alencar>>. Acesso em: 21 jan. 2015.

_____. Entrevista com Ricardo Mariano. O pentecostalismo no Brasil, cem anos depois. Uma religião dos pobres. *IHU On line*, Revista do Instituto Humanitas Unisinos, São Leopoldo, ano X, n. 329, p. 5-7, maio 2010. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id+3206&secao=329>. Acesso em: 30 jun. 2015.

Recebido em: 12/03/2017

Aprovado em: 23/10/2017

Correspondência para:

Marcelo Lopes

Rua Coronel Tancredo, 155, casa 05 – Fábrica

36080-240 Juiz de Fora, MG, Brasil